

JORNAL DO SINDIPETRO

PARANÁ E SANTA CATARINA

Informativo do Sindicato dos Petroleiros do Paraná e Santa Catarina | Ano XXXIII | Nº 1389 | 05 a 25/06/2017

NENHUM DIREITO A MENOS



Lutar pela manutenção de todos os direitos da categoria petroleira previstos no Acordo Coletivo de Trabalho. Essa foi a tônica do 4º Congresso Regional Unificado Petroleiros e Petroquímicos do Paraná e Santa Catarina, realizado nos dias 09 e 10 de junho.

▶ Págs. 3 e 4



Tomou posse a Nova Direção do Sindipetro PR e SC

▶ Pág. 2



▶ Pág. 2

► Nova Gestão

Cerimônia de Posse da Nova Direção do Sindipetro fez homenagem póstuma ao companheiro Silvaney



Ex-presidente do Sindipetro, Silvaney teve sua trajetória de lutas destacada na Posse

A Cerimônia de Posse da nova Direção do Sindicato aconteceu momentos antes da abertura do 4º Congresso Regional Unificado dos Petroleiros e Petroquímicos do Paraná e Santa Catarina, realizada na noite do dia 09 de junho.

A solenidade teve dois momentos bastante emotivos. O primeiro foi a entrega de placas de reconhecimento pelo trabalho e dedicação dos sindicalistas que não participam da nova direção. Anselmo Ruoso Jr,

Claudiney Batista e Leomar Setti receberam a honraria. O segundo e ainda mais intenso foi a homenagem póstuma a Silvaney Bernardi, ex-presidente do Sindipetro PR e SC por duas gestões. Uma faixa escrito “Silvaney Bernardi, presente!” foi estendida à frente do palco pelos antigos e novos dirigentes sindicais. Mário Dal Zot, presidente reeleito do sindicato, lembrou emocionado da sua convivência com Silvaney e falou um pouco sobre a

trajetória de luta desse companheiro que nos deixou logo no primeiro dia deste ano.

A homenagem encerrou a Cerimônia de Posse. O grupo eleito, denominado Chapa 1 Resistência e Luta, traz uma renovação de 40% do quadro diretivo em relação à gestão anterior. A nova gestão, referendada por 97,5% dos participantes da eleição, comanda o Sindipetro PR e SC durante o triênio 2017/2020.

► Efetivo

Com acidentes em alta, Petrobrás ainda quer reduzir os efetivos

FUP indicou greve por tempo indeterminado para pressionar a empresa. Repar e SIX já aprovaram a deflagração do movimento, que pode acontecer a qualquer momento.

“Eu vejo o futuro repetir o passado”, cantava Cazuza na música O Tempo Não Para. Em 2000, ano que registrou os piores acidentes da história da Petrobrás, como o afundamento da P-36, os vazamentos de milhões de litros de óleo nos rios Barigui e Iguazu e na Baía de Guanabara, o efetivo de técnicos de operação da Repar era de 217 trabalhadores. Agora, 17 anos mais tarde e com a ampliação que dobrou a capacidade da refinaria, o número de operadores está em 298. Para efeitos de comparação, em 2011 existiam 453 trabalhadores na operação.

Os dados dos relatórios de movimentação de pessoal na Repar, documento enviado mensalmente pela empresa ao Sindipetro PR e SC, revelam que em 2012 a unidade contava com 931 trabalhadores próprios. O último relatório, datado de maio de 2017, aponta que a Repar tem apenas 707 empregados próprios, ou seja, houve uma drástica redução de 224 trabalhadores.

A manutenção industrial, setor fundamental para a segurança das operações, foi a que sofreu o maior impacto de redução, com mais da metade de postos de trabalho fechados, tanto de próprios quanto de terceirizados.

O futuro que repete o passado é algo muito próximo da realidade na Petrobrás. O plano de FHC de sucateamento da Companhia para sua privatização, frustrado há tempos atrás por conta da luta da categoria, voltou com força no Brasil pós-golpe sob o comando do ilegítimo Michel Temer e com a direção da empresa nas mãos do Pedro Parente, que lá na época de FHC foi o ministro do apagão, como ficou conhecido por conta da crise de energética.

No último acidente com vítimas fatais, ocorrido no dia 09 de junho, no qual uma caldeira explodiu na praça de máquinas do navio sonda NS-32 (Norbe VIII), na Baía de Campos, três terceirizados perderam suas vidas a serviço da Petrobrás. Já são seis mortes ocorridas este ano em unidades do Sistema Petrobrás. Nos últimos 22 anos, foram 374 vítimas de acidentes fatais na Petrobrás, das quais 305 eram prestadores de serviço.

A comparação dos dados de acidentes com o efetivo da empresa revela que quanto menor o número de trabalhadores, mais acidentes aconteceram. Mesmo com a crítica situação, a Petrobrás está reestruturando os efetivos das refinarias para reduzir ainda mais os quadros de trabalhadores.

Após o recente acidente com vítimas fatais, já ocorrem outros dois incêndios, um na Reduc (Caxias/RJ) e outro na P-35. Se com a saída em massa de trabalhadores pelos PIDVs os acidentes se multiplicaram, a situação ficará ainda pior com os cortes nas áreas operacionais.

O ato desta segunda-feira (19) em todas as unidades da Petrobrás no país, convocado pela FUP, acontece durante a reunião sobre SMS entre a Federação e a direção da Petrobrás. Além de chamar a atenção para o problema crônico da segurança na Companhia, as manifestações são um aquecimento para a greve por tempo indeterminado. Repar e SIX já aprovaram o movimento, que será iniciado a qualquer momento.

A reestruturação dos efetivos das refinarias é mais um grave reflexo do desmonte em curso na Petrobrás, cuja gestão temerária de Pedro Parente já anunciou a intenção de privatizar também essas unidades. E ainda Parente diz que a meta é reduzir em 36% a taxa de acidentes registráveis. Para evitar improprios, a resposta também é via Cazuza: “a tua piscina está cheia de ratos, tuas ideias não correspondem aos fatos. O tempo não para.”

Sindicato inaugurou painel de mosaico que conta a história da luta do petróleo no Brasil



Um dos grandes momentos do 4º Congresso Regional Unificado dos Petroleiros e Petroquímicos do Paraná e Santa Catarina foi a inauguração do painel que conta a história da luta pelo petróleo no Brasil, desde Monteiro Lobato e a Campanha O Petróleo é Nosso, passando por Getúlio Vargas e a criação da Petrobrás, até o governo Lula e a descoberta do Pré-Sal.

O painel é o resultado do Curso de Mosaico promovido pelo Sindipetro PR e SC e ministrado pelo artista Javier Guerrero. A equipe que dedicou meses de trabalho na confecção dessa grande peça de arte é composta pelos companheiros Aleksander Schoeffel, Abacary Chaves Filho, Maria de Lourdes Lozano Granero e Silva, Renato Reis Palácio, Simone Lucca e Thiago Olivetti. O desenho foi feito por Julia Kobus Arbigaus.

Javier, coordenador do projeto, explicou as técnicas e materiais utilizados. “Os materiais para a confecção foram cerâmicas rejuntadas nas laterais e pastilhas de vidro com resina cristal no meio. As técnicas utilizadas foram de mosaico e micromosaico em vidro”.

O projeto recebeu o título de “Fragmentos da luta do petróleo no Brasil” e levou onze meses para ser concluído.

► 4º Congresso

Análises conjunturais subsidiaram os debates do 4º Congresso Regional

A mesa de análises conjunturais abriu os trabalhos do 4º Congresso Regional Unificado dos Petroleiros e Petroquímicos do Paraná e Santa Catarina. Cibele Vieira, coordenadora do Sindipetro Unificado de São Paulo; Marilane Oliveira, economista e pesquisadora do Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho da Unicamp (CESIT); e o deputado federal Zeca Dirceu expuseram seus pontos de vista sobre o momento político e econômico do Brasil e do mundo.

Cibele abordou a conjuntura internacional. Para ela, houve uma mudança histórica na relação entre governos e empresas. “No passado, época das grandes guerras, os estados regravam as empresas. Isso foi mudando ao longo do tempo. Nos EUA, por exemplo, o lobby empresarial no Congresso é legalizado. O estado passou a servir mais a quem tem o poder econômico. É uma forma de controlar a classe trabalhadora para manter o poder instituído e o estado tem a função de manter essa separação de classe. A exploração ao trabalhador foi ficando cada vez mais forte. Aos poucos as empresas foram conquistando mais poder, influenciando o estado, muito mais do que o contrário”, disse.

A coordenadora do Unificado de São Paulo também tratou da alteração brusca que o processo de impeachment de



Cibele Vieira: ‘governos a serviço das empresas’

lo capitalista europeu, que é mais humanizado. Saúde e educação tinham que ser providas pelo governo. Isso vem mudando com o golpe de Temer, que chegou a falar que a Constituição de 88 não serve mais. Quer colocar tudo para o setor privado como forma de manter os lucros das grandes empresas nesse momento de crise. O estado não será mais provedor, quando muito será meramente regulador. Os exemplos são claros. Está acabando com o SUS e as farmácias populares porque concorrem com os planos de saúde. O maior concorrente da educação privada é o sistema público de ensino. Ai Temer aprova uma PEC que congela os gastos públicos por 20 anos. Foi o anúncio de que os direitos fundamentais serão exterminados e colocados no mercado.” concluiu.

Golpe e reformas

O deputado federal Zeca Dirceu destacou o longo período de derrotas nas urnas dos conservadores. “Em 2018 vai completar 20 anos que esse conservadorismo não tem uma vitória na democracia. A última foi em 98, de lá para cá, esse projeto golpista, entreguista, de retirada de direitos, vem sendo derrotado pela vontade livre, espontânea e democrática do nosso povo. A última eleição, em 2014, foi a mais difícil, a mais apertada, só tivemos uma vitória porque as forças de esquerda do país assumiram no segundo turno um papel decisivo, de ir para as ruas e resgatar uma campanha que parecia derrotada”.

Para Zeca, o impeachment foi a única forma do neoliberalismo retornar ao poder. “Com o golpe, a agenda derrotada nas urnas passou a ser aplicada no país. Temos trabalhado no Congresso contra as reformas trabalhista e da previdência. Estamos o tempo todo denunciando o desmonte dos programas sociais, como o ciênciã sem fronteiras, farmácia popular, Prouni e Fies. Dos últimos tempos para cá, a esquerda começou a recuperar força e a confiança de parcela da população, mesmo com o massacre da mídia golpista e vendida. É uma retomada das forças populares e tem influenciado o Congresso. Ainda não temos a maioria, mas a partir de fevereiro mudou muito a correlação de forças. O trabalho dos sindicatos e movimentos sociais foi fundamental para isso. Muitos parlamentares que eram favoráveis às reformas mudaram de posição. Alguns partidos já deixaram a base aliada de Temer. Está havendo uma mudança e isso é devido à pressão popular. Que vocês consigam realizar uma nova e grande greve geral”, disse.

Mercado, reformas e o fim dos direitos

A economista e pesquisadora Marilane Oliveira lembrou que a crise econômica internacional irá completar 10 anos em 2018. “É uma crise que se arrasta e que concentrou ainda mais recursos e poder nas 140 corporações que mandam no mundo. Mais da metade são bancos que movimentam US\$ 50 trilhões apenas da dívida pública mundial e US\$ 700 trilhões da economia fictícia ditada pelo mercado financeiro”.

Ela salientou as mudanças no padrão de crescimento da

industrialização. “Nas últimas décadas houve um peso muito grande no mercado financeiro e afetou o mercado produtivo. Boa parte dos resultados positivos das empresas é oriunda de aplicação financeira. A maioria das grandes empresas mantiveram a rentabilidade na crise a partir das aplicações no mercado financeiro e da flexibilização da mão de obra”.

Para Marilane, são os discursos do alto custo do trabalho no Brasil e da necessidade de modernização da CLT. “Desde a década de 40 até os anos 70 a produtividade e os salários cresciam quase paritariamente. A partir daí, a produtividade vai pra cima e o salário vai para baixo. Começa a pressão para aumentar a performance de rentabilidade e isso é feito a partir do achatamento dos salários e da precarização do trabalho. O que o Brasil enfrenta agora não é nenhuma novidade. Na década de 90 houve um crescimento enorme da terceirização e o setor petróleo é um exemplo disso”.

A economista criticou duramente a reforma trabalhista e a justificativa de que é necessária para a geração de empregos. “É o dinamismo econômico e as políticas públicas que induzem a retomada da economia e a geração de emprego. Não existe nenhum exemplo histórico que comprove que a flexibilização de direitos gera empregos e

melhora a economia. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) divulgou um amplo estudo em 2008 que analisou mais de cem países. Em nenhuma nação a flexibilização de direitos gerou emprego ou fez a retomada econômica”.

Ela ainda destacou os males da reforma trabalhista. “É extremamente perversa. Não há nada parecido na história do país. As reformas de Fernando Henrique na década de 90 vão parecer brincadeira de criança perto do que está para vir. A reforma vai para além do negociado sobre o legislado. Coloca os direitos

trabalhistas no âmbito privado. As cláusulas pétreas não podem ser negociadas no âmbito coletivo, mas não diz nada no plano individual. Então férias e 13º vão poder ser negociados individualmente. Se a reforma trabalhista passar, não precisamos mais nos preocupar com a reforma da previdência, porque ninguém mais vai conseguir se aposentar”.

O recado final da pesquisadora foi enfático. “O dia 28 de junho é a data prevista para a votação da reforma trabalhista no Senado. Até lá temos um compromisso político muito grande, que é pressionar os parlamentares de porta em porta, porque eles são suscetíveis ao constrangimento. Com Temer ou sem Temer, nosso compromisso fundamental é derrotar a reforma trabalhista”, concluiu.



Marilane Oliveira: ‘reforma trabalhista é perversa’

► 4º Congresso

Defesa da Petrobrás e as lutas dos petroleiros

A última mesa de debates do 4º Congresso Regional Unificado dos Petroleiros e Petroquímicos do Paraná e Santa Catarina teve foco na Petrobrás e nas lutas da categoria.

O economista e técnico do Dieese Cloviomar Cararine abordou o tema “A destruição da Petrobrás como um projeto de desenvolvimento nacional e a entrega do pré-sal”. Ele iniciou sua fala desmistificando a corrupção na Petrobrás. “São três os mitos da corrupção na empresa. Primeiro que a corrupção não é um problema endêmico na Petrobrás. Pesquisa da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) revela que o setor com o maior número de casos de corrupção é o de mineração e extração de petróleo, muito por conta dos grandes valores movimentados. O segundo é que a corrupção não se previne com redução de investimentos. A Statoil e a Shell, por exemplo, identificaram problemas de corrupção na Líbia e Angola. As empresas detectaram os focos, resolveram e continuaram investindo. O terceiro é que os resultados financeiros negativos da Petrobrás não acontecem por conta da corrupção, mas sim por causa dos *impairments*. Nos últimos três anos a Petrobrás perdeu 18 vezes mais com os *impairments* do que com a corrupção”.

Cararine também ressaltou que a Operação Lava Jato tem efeitos negativos não apenas para a Petrobrás, mas para toda a economia brasileira. “Ela tem promovido o desmonte em setores

importantes na economia, como construção, metal mecânica, indústria naval e engenharia pesada. Setores que estavam crescendo e retraíram por conta da Lava Jato”. Ele ainda afirmou que a Operação não tem conseguido bons resultados na recuperação de valores desviados e fez uma revelação importante sobre as delações premiadas. “Apesar de estimar um prejuízo de cerca de R\$ 6,2 bilhões apenas na Petrobras, a Lava Jato até agora só conseguiu devolver R\$ 662 milhões para os cofres da empresa, pouco mais de 10% de todo valor desviado. A dificuldade é comprar o desvio, depois porque os valores foram aplicados em imóveis e patrimônios e terceiro porque a delação premiada inclui uma chamada cláusula de performance, que consiste em uma negociação onde o delator recebe uma porcentagem do dinheiro que a delação ajudou a encontrar. O caso de Alberto Yousseff é emblemático. Ele receberá 2% de todo valor que será recuperado”. Para o economista, “a Lava Jato tem a finalidade de usar a corrupção na Petrobrás como pretexto para destruir toda a cadeia de petróleo nacional e reduzir o papel da estatal no setor. O mercado internacional está muito interessado em entrar no setor petróleo do Brasil”.

Petros

O presidente do Sindipetro Rio Grande do Sul e candidato ao Conselho Fiscal da Petros, Fernando Maia, tratou do tema “Previdência complementar e os impactos da conjuntura na

Petros”. Ele destacou que um grande investimento da Petros foi na construção de sondas através da empresa Sete Brasil, na qual o fundo de pensão tem participação e ocorreram problemas financeiros e de corrupção. “Quando se trata do problema do déficit da Petros, o pequeno foco é de que ocorreu em função dos péssimos investimentos feitos. Nem tudo são verdades, nem tudo são mentiras. Houve sim grandes problemas, principalmente com a Sete Brasil, sobretudo por conta de corrupção. Porém, é apenas uma parcela de investimentos e tem impactos no déficit. Mas temos outros grandes problemas a serem enfrentados. A Fundação Petros administra vários planos de previdência complementar e alguns deles apresentam problemas em função de danos causados pelas patrocinadoras”.

Para Maia, “os impactos nos fundos de pensão vão se multiplicando com as mudanças na previdência. Com a reforma da previdência, os participantes do Plano Petros 2 serão afetados com a idade por conta da aposentadoria. O plano prevê aposentadoria aos 55 anos, conforme seu regulamento, mas a reforma da previdência vai impedir. Ter os olhos atentos para o que está acontecendo no país é fundamental”, ressaltou.

Sobre as eleições para os conselhos da Petros, Maia disse que existem três grupos distintos na disputa. “Há um grupo que identifica que a Petrobrás deva resolver todos os problemas da Petros. Outro que diz ter perfil



técnico e que a governança e o papel da patrocinadora são fundamentais para que o plano dê os resultados esperados. E temos nós, que olhamos para o plano, procuramos identificar os problemas e propor as soluções. É preciso muita responsabilidade ao votar. Um péssimo exemplo foi a escolha da Betânia para o Conselho de Administração da Petrobrás. Ela sempre votou com o governo, aproveitando todas essas bandalheiras que estão acontecendo na Petrobrás”, concluiu.

Fora Parente!

A fala do coordenador da FUP, José Maria Rangel, encerrou as rodadas de debate do 4º Congresso Regional. Para ele, a Petrobrás teve dois grandes momentos em sua história. “O primeiro foi a descoberta da Bacia de Campos, ainda no regime militar, e o segundo é quando descobrimos o Pré-Sal. E é justamente aí que começa o calvário da nossa empresa. Aquele tubão enferrujado vazando dólar no Jornal Nacional não acontece por acaso. A Globo coloca aquilo no ar todo dia para dizer que a Petrobrás é ineficiente e corrupta, portanto não tem condições de explorar sozinha a maior descoberta de petróleo no mundo dos últimos períodos. Por isso, esse time golpista que tomou o poder de assalto se apressou tanto para derrubar a Lei da Partilha. Existe um conluio entre os golpistas e a mídia para entregar a Petrobrás”.

Zé Maria destacou a mudança no perfil da empresa. “A Petro-

brás tinha o papel de ser indutora do desenvolvimento econômico e social do país. A mudança de visão é clara quando no segundo governo Dilma o Bendine foi nomeado presidente da empresa. A Petrobrás passou a ter o objetivo de dar rentabilidade para seus acionistas. Cansamos de bater na porta do Palácio para dizer à Dilma que estava tudo errado na Companhia, mas infelizmente não fomos ouvidos e deu no que deu. Com o golpe estabelecido, Pedro Parente não fez nenhuma modificação na diretoria e no conselho de administração, são os mesmos nomeados pelo governo Dilma. Nessa diferenciação do modelo de empresa, a grande mídia vem tentando catapultar a Petrobrás, querendo passar que o Parente é um grande administrador. A exame dedicou na semana passada 32 páginas para ele e na capa está a cara dele, dizendo que está recuperando a Petrobrás com base no último resultado do ano de 2016. Uma rápida analisada e fica claro que o resultado positivo não tem qualquer controle dele. Se deu por causa da melhora da cotação do dólar e do aumento do valor do preço do barril”.

O coordenador da FUP encerrou sua participação criticando a redução de efetivos nas refinarias que a Petrobrás está fazendo e convocando todos para a manifestação do dia 19 de junho, quando acontece a reunião com o SMS da Petrobrás. “Não pode ser um dia normal na nossa vida, temos que fazer um agito na frente de todas as unidades”, concluiu.

Proposições do 4º Congresso Regional Unificado

Reivindicações:

- Índice de inflação estimado de setembro de 2016 à agosto de 2017, com base no ICV/Dieese (entre 2,5% e 3%) e ganho real (2,7% de acordo com estimativa da subseção do Dieese na FUP para índice de produtividade);
- Manutenção e cumprimento de todas as cláusulas do ACT.

Bandeiras de lutas:

- Não à Privatização;
- Nenhum Direito a Menos;
- Reposição de Efetivo;
- Combate à corrupção em todos os níveis hierárquicos do Sistema Petrobrás;
- Não reconhecimento da gestão da Petrobrás na representação de Pedro Parente; Diretas já!;
- Contra as reformas trabalhista e previdenciária;
- Constituinte exclusiva e soberana sobre a reforma política.

Plano de ação:

- Defesa do Relatório do Grupo de Estudos Estratégicos e Propostas (GEEP/FUP), como documento orientador p/a construção das diretrizes de atuação da empresa;
- Campanhas pela continuidade das investigações de toda e qualquer denúncia de corrupção no Sistema Petrobrás de forma ampla e irrestrita, com responsabilização cível e criminal dos envolvidos e aos que tentam interferir nas investigações, além do ressarcimento à empresa dos valores desviados;
- Mobilizações nacionais em toda categoria caso a direção do Sistema Petrobrás afronte os direitos dos petroleiros;
- Aprofundar nacionalmente e localmente a defesa do Efetivo no Sistema Petrobrás;
- Realizar ações de visibilidade, formação e combate aos atos da atual gestão predatória do Pedro Parente, assim como do projeto de Estado mínimo que pretende a ampla privatização do Sistema Petrobrás;
- Realizar ações de visibilidade, formação e combate sobre a perda de direitos dos trabalhadores na conjuntura política brasileira, sob os aspectos da Reforma Trabalhista e da Previdência.